

**TEMPO PRESENTE, TEMPO PASSADO:
VIVÊNCIA E MEMÓRIA EM
*A PRIMEIRA MULHER***

Naira de Almeida Nascimento*

Terceiro romance de Miguel Sanches Neto, *A primeira mulher* (Record, 2008, 335 p.) retoma alguns elementos da poética do autor e também investe em outros inéditos. A novidade corre por conta do enredo, que aciona uma trama meio policialesca em ambiente marcado pela disputa eleitoral de uma cidade média brasileira.

Diferentemente da remissão direta para o tempo da infância, fundado na memória de um espaço também distanciado, como ocorre em *Chove sobre minha infância* (2000), ou para um outro tempo ainda mais recuado, como o da experiência da Colônia Cecília (*Amor anaquista*, 2005), o último romance imprime no leitor o retrato o mais próximo possível de nossa contemporaneidade: individualismo, violência, solidão, relações fluidas, crianças raptadas, campanhas eleitorais corrompidas etc.

Carlos Eduardo, professor universitário, solteiro aos 40 anos, vive uma rotina que se completa em ciclos anuais. Resistente à idéia de construir laços incondicionais (“Sempre me amedrontou a idéia de ter um filho. Um dia iria perdê-lo”), Carlos sempre optou pelas relações fortuitas com suas alunas, em média vinte anos mais jovens. A cada final de ano é chegada a hora de reciclar as namoradas, o guarda-roupa e a sua agenda de telefones, “como quem se desfaz dos pertences de um morto e queima roupas velhas”.

Mantém com o único familiar vivo, a mãe, uma relação tensa. Dela herdou, se não a severa mania de limpeza, o hábito de não assumir verdadeiramente suas ligações afetivas com outros parceiros. No caso da mãe, a

* Professora Adjunta da UNIANDRAGE.

interdição ocorre diante do filho, quando ainda menino, enquanto sua mãe já portava a imagem austera da viuvez. Em ambos, mãe e filho, a mesma vivência do tempo, cíclica: “No fim de ano, mais do que em outras épocas, ela se dedicava às tarefas de limpeza. Tirava todos os tecidos das cadeiras estofadas e os lavava na máquina. Dava um trabalho imenso recolocar as capas...” (p.48-49). Facilmente, o menino conjuga as causas e os efeitos da limpeza da casa à conspurcação do corpo materno: “Até hoje é impossível pensar em minha mãe como uma mulher que misturava seus sucos vaginais com espermas, possibilitando a proliferação de ácaros no colchão de casal que me acolhia nas noites de sono ruim.” (p.49).

Em relação a sua própria vida, os pruridos de Carlos se mostram menores. O interdito transforma-se até mesmo em rotina. Chegado o fim do ano, ele pensa valer-se dos últimos encontros com Lírian, a garota da vez. Para a universitária, no entanto, o jogo não terminou.

Rompendo também com o ciclo previsto, aparece Solange, um antigo amor da época de faculdade. Separada do marido desde o rapto do filho, ocorrido quase vinte anos antes, Solange, candidata à prefeitura, vem solicitar a ajuda de Carlos. O mote é constrangedor, impelindo a um questionamento ético: que seria de sua carreira política se o filho, sobre o qual Solange armou sua bandeira de luta, retornasse? Aqui também, a exemplo de Ilza, mãe de Carlos, o amor materno concorre com outros interesses.

Solange, apesar do passado em comum, habita um mundo estranho a Carlos, em que prevalecem as altas jogadas, tanto políticas como econômicas. O professor aí não passa de uma peça no tabuleiro. Se a ameaça do retorno de Alexandre os reaproxima, os compromissos firmados pela candidata à prefeita impossibilitam um encontro, de fato, entre eles. Ainda que parcialmente desconstruída pelo olhar crítico do analista, a imagem de Solange mantém-se como a miragem veiculada pelo programa político televisivo.

Contudo, o pólo mais sedutor de *A primeira mulher* talvez se restrinja ao campo das permanências. O descompromisso e desencanto de Carlos frente à vida profissional (“...minhas aulas não exigiam nada de mim e eu não exigia quase nada da vida”) e amorosa não evade o lirismo que irradia deste herói problemático. Dentre as frustrações, conta-se o projeto artístico. Os escritos de décadas que não foram publicados dão a medida da vida que estancou. O hibridismo do romance oferece então a oportunidade para que a poesia escoe. A voz que atravessa os versos dos *Jardim em chamas*, releitura do *Cântico*

dos Cânticos, funde, numa remissão ao original, o erotismo dos corpos, o dos espíritos e aquele do sagrado.

A perda freqüente dos relógios de pulso marca também a fuga da consciência de ter perdido o tempo, ou a vida (“Eu entrava no tempo sem ponteiros de um homem de meia-idade”). Assim como o ciclo, cadenciado pela repetição, a ausência da cronologia, representada pelo relógio, insinua a anulação do tempo histórico, da construção e da acumulação. Diante da imobilidade, o convite de Solange permite uma revisão e uma saída.

A saída ao tempo circular constrói-se por meio do espaço, ou melhor do seu desbravamento. Confessadamente exilado de sua própria cidade, Carlos precisa comungar-se novamente com ela. Contrariando a fórmula drummondiana (“Nesta cidade vivo há 40 anos / há 40 anos vivo esta cidade / a cidade me vive há 40 anos”) ou ainda a barretiana (“Vivo nela e ela vive em mim”), um fosso o separa do mundo dos vivos: “Eu abandonei a cidade para viver entre livros, como um monge. Estive ausente por 20 anos, alheio à política (anulando meu voto) e à vida social, que nunca me encantou.” (p.34).

Disposto a auxiliar Solange, Carlos empreende uma busca para confirmar a autenticidade da ameaça que consome a antiga companheira. A busca reveste-se de uma faceta prática e outra existencial. A mudança anuncia outra perspectiva, já esquecida pelo protagonista: “O meu prazer não estava em dirigir, mas em ver a cidade, ainda vazia, antes da volta da horda de veranistas [...] Eu percorria as ruas sem roteiro, procurando a outra cidade, aquela que me pertencia.” (p.125).

O início da empreitada detetivesca é logo marcado pelo encontro com o locutor radiofônico Porrada, responsável por um programa de denúncias públicas. A imagem do aproveitador sensacionalista esconde, no entanto, um mundo hostil aos valores burgueses de Carlos; de miséria e retaliações. À medida que Carlos mais adentra os meandros do poder, sua vida perde os referenciais de segurança que sempre o garantiram, como a estabilidade do emprego público. O caminho porta marcas indeléveis. Logo, as imagens do contato com o espaço mostram-se ameaçadoras: “Eu sentia a opressão da umidade das paredes, como se elas fossem uma continuação da mata em torno da casa [...] A casa se desfazia como útero podre.” (p.133).

A metáfora uterina estabelecida no contato visceral com o espaço circundante vai marcar também o reencontro com o primeiro amor do narrador. Trata-se, como já indica a epígrafe referente ao livro do Gênesis, de um esforço

Naira de Almeida Nascimento

de resgatar a origem, as raízes. Repovoar o espaço significa então romper com o fio temporal, ao menos com aquele representado pelo ciclo estéril, antes habitado por Carlos e sua mãe. Descer até o mais fundo do abismo, como no caso de Pedro, pai de Alexandre, pode significar romper com a barreira temporal. Afinal, segundo Borges, o tempo é uma delusão: "...a indiferença e a inseparabilidade de um momento de seu aparente ontem e outro de seu aparente hoje, basta para desintegrá-lo".

A primeira mulher integra-se, assim, ao conjunto da produção do autor sobretudo por meio deste menino, travestido no protagonista, sempre em busca de seu espaço, de sua memória. O sobrenome Pessoa talvez aluda a esta necessidade, a de formatar os seus vários disfarces.

Recebido para publicação em 31 de julho de 2008.

Aceito para publicação em 30 de outubro de 2008.